

REGRA
CONTRA-REGRA

Peças da engrenagem

Moram do outro lado do palco. São invisíveis ao espectador,
mas fundamentais para que tudo funcione sem problemas.
Os contra-regras, no teatro, estão ao serviço do todo

REPORTAGEM DE **KATYA DELIMBEUF** (TEXTO) E **ANTÓNIO PEDRO FERREIRA** (FOTOGRAFIAS)





NOS BASTIDORES
MANUEL ROMANO,
CONTRA-REGRA DO
TEATRO DA CORNUCÔ-
PIA, ZELA PARA QUE
TUDO CORRA BEM. "NÃO
TENHO TEMPO PARA
SENTIR A MAGIA DO
ESPECTÁCULO QUANDO
ESTÁ A DECORRER"



SERVIÇO ISABEL INÁCIO, E MANUEL GUICHO, CONTRA-REGRAS DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II. NA PÁGINA AO LADO, MANUEL ROMANO, QUE 'TOCA VÁRIOS INSTRUMENTOS' NA CORNUCÓPIA



Todos chegaram a contra-regra por acidente. Manuel porque, quando se sentou na cadeira de espectador, sabia que queria fazer parte daquele universo mágico chamado teatro. Isabel e o outro Manuel (Manuel Guicho) por acaso — porque precisavam de trabalho. Não se sonha ser contra-regra como se sonha ser actor, encenador ou dramaturgo. O contra-regra é uma peça da engrenagem, alguém que faz parte de uma estrutura e contribui para que tudo corra bem. São peças dos bastidores. Atrás dos panos, coordenam entradas de actores, deixas de luz e som, os adereços em cena. Se tudo correr bem, ninguém na plateia lhes conhecerá a cara.

Manuel Guicho é, provavelmente, o contra-regra mais antigo do país. Aos 56 anos, conta 32 de D. Maria II, o Teatro Nacional, ali ao Rossio. Do seu “cantinho” do palco, do lado direito, atrás da linha de cena, conta o que faz. Da sua cabina preta domina tudo o que se passa em palco, graças a um pequeno monitor de televisão do qual não pode tirar os olhos.

Guião da peça pousado à altura do colo, assinalado a marcador nas passagens que lhe competem, auscultadores colocados e microfone à frente, explica: “Todos os movimentos de cena são comandados por nós. Comunico com o som e a luz, para darem início ao espectáculo. Os maquinistas, na varanda (parte superior do palco, com maquinaria que permite descer e subir elementos do cenário), aguardam as minhas ordens. Com estes botões — aponta para as dezenas deles na sua frente — damos sinais aos actores em palco, quando eles não vêem a cena do sítio onde entram ou não ouvem. E chamamo-los — à meia-hora, aos 15 minutos, aos 5 e antes de começar o espectáculo. Também mandamos abrir e fechar o pano.”

Além de tudo isto, é competência do contra-regra dar aos actores os adereços de cada um e colocá-los em palco. Uma série de fun-



ções que podem parecer de somenos, mas que podem estragar um espectáculo: se não houver punhal, como poderá Brutus assassinar César? Se falhar o sinal de entrada de um actor e este chegar atrasado, como não comprometer uma cena? Apesar disso, Manuel vê o seu papel essencialmente como o “de executante”. E não esconde algum cansaço, físico, ao fim de mais de três décadas de ofício e de horários de trabalho das 14h30 às 18h30 e das 20h30 às 0h30, fins-de-semana incluídos.

Foi “um pouco por necessidade” que veio parar à contra-regra, em 1976, conta. “Uma pessoa amiga, do Teatro ABC, disse que precisavam de gente. Antes, tinha feito dois ou três espectáculos no Parque Mayer. Vim para contra-regra e fui ficando. Achei curioso. Não há monotonia. Os espectáculos são sempre diferentes, os encenadores também, os actores... Há peças que requerem muito de

nós. Em ‘O Camareiro’, com Ruy de Carvalho, havia um camarim de nove metros que entrava e saía de cena várias vezes... Está a imaginar, não está? Noutro, o ‘Conto Americano’, o palco era giratório; subia e descia muitas vezes e tinha muitas coisas a entrar em cena em níveis diferentes... Chegava ao fim com uma enorme dor de cabeça.” Mas Manuel gosta “do stresse de preparar os espectáculos e de os ver depois, quando estão prontos”. E assume a responsabilidade de ter transmitido o vício à filha, que se fartou de ver espectáculos ao colo do pai, no seu posto, e que gosta dos mesmos actores que ele...

Outro Manuel, de apelido Romano, detestaria estar no lugar de Manuel Guicho. Quem o vê na azáfama dos bastidores de “Cidade”, com encenação de Luís Miguel Cintra, percebe que o que o faz correr vai muito além das funções de contra-regra. Manuel dá

as deixas aos músicos nas alturas devidas, dá assistência ao director de cena, etc. Na zona que habita, atrás do palco, ao pé de uma mesa grande com adereços, atarefa-se entre os quatro músicos que coordena, ajuda na mudança de cenários, coloca os ganchos que elevam uma personagem em palco, retira estas que ali estão, esquecidas. “É um exercício de concentração muito grande”, confessa. “Quando chego a casa, muitas vezes não consigo adormecer com o cansaço. E há limites para a concentração — ninguém consegue ficar concentrado oito horas seguidas...”

Ele próprio assume que adora desempenhar uma série de funções que transcendem a contra-regra: “Interessa-me o facto de não haver fronteiras entre as várias áreas. Aliás, eu sou um ponto de charneira entre os actores, o encenador... Gosto muito da ausência de rigidez e hierarquias da companhia onde

***“Muitas vezes,
estou tão cansado
que não consigo
adormecer”***

trabalho, a Cornucópia. Sou contra-regra por acidente — vou sempre fazendo coisas que extravasam esse trabalho...” Estamos em palco, o cenário azul céu pintalgado de nuvens. Ainda sente a magia das tábuas? “Não tenho tempo para sentir magia, aquelas sensações mais místicas”, responde. “Na altura do espectáculo, não se percebe nada.”

Foi essa magia, no entanto, que levou Manuel Romano, quando era aluno de Filosofia, a querer fazer parte “daquilo” — o teatro. A tia, Milú, era actriz, e por isso começou, “aos 20 e picos anos”, a ver peças da Cornucópia. Percebeu que um dia queria pertencer àquela companhia. Tirou o curso do Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral (IFICT), trabalhou no Teatro Nacional, depois com Filipe La Féria, até chegar onde queria: à Cornucópia. Foi actor, assistente de Luís Miguel Cintra, e daí passou a contra-regra.

Há dez anos que desempenha essa função e, aos 40, é dos mais novos na profissão. “Trabalhar como contra-regra não determina o sucesso ou fracasso de uma peça — mas condiciona”, explica. “As pessoas podem não reparar que há uma cadeira em cena, mas alguém a pôs lá. Uma vez esqueci-me de pôr um adereço importante em palco — uma mão decepada —, e o actor teve que improvisar em cima dessa falha.”

Se tivesse que escolher uma palavra para resumir a função de contra-regra, seria “disponibilidade” — também afectiva e psicológica. É um elemento “ao serviço do todo”. “A atenção ao texto e aos actores é fundamental.” Acredita, contudo, que a tendência é para a profissão desaparecer e “acumular com outras funções, até por motivos financeiros”. E acho positivo que isso aconteça.

Uma mulher num mundo de homens. Isabel Inácio já não saberia viver fora daquele mundo. O teatro é a sua vida — e isso sente-se. No seu discurso, apaixonado — “Se não houver amor, não se consegue fazer um bom espec-

táculo” — e até no facto de morar a cinco minutos do trabalho, para evitar atrasos. Como os outros, Isabel foi parar à contra-regra por acidente. Mas aquilo corre-lhe no sangue. É uma mulher num mundo de homens. “Em 30 anos de teatro, só me cruzei com outra mulher contra-regra, no Politeama, a Rosarinho”, conta. Haverá alguma especificidade da profissão que a torne masculina? “Bom, os adereços não são sempre leves... É preciso força. Temos sempre pressão em cima. E que lidar com homens”, explica. “Mas, hoje, até acho que eles se esquecem que eu sou mulher. Até porque, provavelmente, não me vêem como alguém de ar frágil.”

Um as caneladas no meio do escuro. A voz de Isabel, grave, e o cabelo curto e roupa discreta que lhe dão um ar arrapazado fazem com que se funda na equipa de seis contra-regras — todos homens — do Teatro D. Maria II, onde está há dois anos. Mas já está nestas andanças desde 1989. Estreou-se no Maxime, “no tempo em que o cabaré tinha três espectáculos por noite”. “Estava sem trabalho e faltou um elemento num espectáculo.” Isabel foi, de emergência, “fazer de comprancha” (a pessoa que coloca os adereços em cena). “Ainda me lembro de ter entrado no escuro com uns praticáveis (caixas grandes) na mão e de bater com as canelas, sem poder soltar um ai... O meu chefe disse-me logo que enquanto eu não aprendesse a olhar no escuro, não seria contra-regra”.

Um ano mais tarde já sabia ver no escuro. Ficou quatro anos no Maxime, convivendo e aprendendo com atrizes como Mariema, que lhe ensinou a maneira mais bonita de descerrar as cortinas. Entretanto, um incêndio destruiu o Teatro ABC, no Parque Mayer, e Isabel e mais seis homens arregaçaram mangas para o voltar a pôr de pé. “Tudo aquilo foi construído sem água nem electricidade, durante anos”. Por amor ao teatro. Seguiu-se a televisão e o trabalho com Marina Mota, com digressões pelo país, montando

palcos na rua para centenas de pessoas, fazendo som e luz. Foi uma aprendizagem importantíssima, em termos de exigência consigo mesma e de respeito pelo público. “Gosto de me dedicar de corpo e alma a qualquer coisa que faça, seja tirar uma bica seja montar um palco”, confessa. Pelo caminho, ainda foi assistente no *plateau* de João César Monteiro, a puxar cabos. Tudo servia para beber das conversas e do convívio com pessoas que sabiam muito. “A minha experiência fez-se toda nas tábuas”, diz.

O bichinho do teatro haveria de voltar a morder. Certa vez, num espectáculo de revista que foi ver, picou-a a saudade. Voltou aos palcos, como contra-regra no Maria Vitória. “Na revista, a profissão ainda era à antiga. Funcionava com o toque da campainha, o mudar as pilhas ao microfone. Tínhamos que afinar os telões antes do início do espectáculo, certificarmo-nos que estavam direitos.

Sofrer com os actores. Na passagem para o Teatro Nacional, as suas funções como contra-regra passaram a ser outras, mais orientadas para os actores. “A principal coisa que um contra-regra tem de ter é sensibilidade. E amor. Porque estamos a lidar com pessoas muito sensíveis, prontas a entrar em cena. Interessa-me o lado humano, sofro com os actores. E às vezes acabo o espectáculo quase tão cansada como eles.”

“Desde que vim para o teatro deixei de ser depressiva, porque não tenho tempo”, partilha. “Não pode haver atrasos. Uma vez, num dia de estreia, cortei-me com um x-acto. Fui para o hospital e expliquei que tinha uma peça a estrear nesse dia, e que, desse por onde desse, tinha que lá estar.” Levou sete pontos. E seguiu, de mão entapada, para a estreia, às 21h30. Isabel guarda todos os guiões das peças que fez em casa. “A magia maior de ser contra-regra é sentir-me parte do espectáculo. Todos os dias é um directo. E nunca vemos o mesmo espectáculo.” ■

“Enquanto não aprenderes a ver no escuro, não serás contra-regra”